

# Uma força política

Qual é a força eleitoral dos sindicatos que os srs. e sras. representam? Têm votos suficientes para eleger um deputado ou um senador por Brasília?

**Maria José** — Essa pergunta é interessante porque, de repente, a gente pode chegar a uma situação de que cada categoria poderia eleger seu representante à Constituinte. O que seria uma situação extremamente corporativista, principalmente na minha Categoria, onde a gente tenta atualmente romper com essa idéia. Mas, em termos numéricos, temos atualmente inscritos no Conselho Regional de Medicina mais de cinco mil médicos. Multiplicando esse total pelo menos por três membros da família, teríamos 15 mil votos, aproximadamente.

Na minha opinião, contudo, o que tem de ser analisado é a inserção social de cada categoria. A área médica tem uma inserção social muito importante. Nós lidamos com pacientes. Se nos dispuséssemos a fazer campanha eleitoral, teríamos condições de eleger um candidato da categoria. Mas, infelizmente, a política é nebulosa, existem, infelizmente, candidatos que estão pulverizados por aí. Particularmente, acho que corremos, de repente, o risco de não eleger ninguém, porque essa pulverização vai acontecer realmente. Está acontecendo. A classe tem à sua disposição onze candidatos, mas o sindicato é contra todos porque eles lutam contra a categoria: Mesmo assim esses candidatos vão ter alguns da categoria, um contingente que vai se despresar eleitoralmente. E esta é a grande questão pela

qual eu acho que o movimento sindical vai dispensar o seu contingente de votos infelizmente.

**José Sampaio** — O trabalho do Augusto à frente do sindicato lhe conferiu condições de respeito muito grande. Mas a nossa preocupação maior é com o conjunto dos representantes dos trabalhadores na Constituinte. Aqui em Brasília nós temos, segundo um levantamento do DIEESE, cerca de 300 mil, e a parcela composta pelos médicos, bancários, professores, é significativa sob este aspecto de formação de opinião.

Em decorrência desses fatos, encaramos a questão do potencial eleitoral como uma coisa muito difícil de se avaliar. Então, o trabalho que vem sendo feito — e que entendemos como muito importante — visa esclarecer os trabalhadores sobre a necessidade de se discutir a questão dos representantes na Constituinte e colocar, também, que o problema não é eleger três senadores e um deputado.

**Max** — Se o Sindicato dos Jornalistas apolasse um nome e jogasse todas as fichas nesse número não teria a mínima chance de sucesso. Além do mais, os jornalistas têm uma outra característica: nós não somos trabalhadores no verdadeiro sentido do termo. Nós somos mais representantes da classe média, e em função disto, não temos condições de fazer uma campanha. Além disto, pelo próprio número restrito de associados, o sindicato não teria poder de barganha para eleger alguém. Então, a única coisa que estamos fazendo é apoiar as pessoas que sejam representativas e que te-

nham idéias para defender na Constituinte.

**Lúcia Carvalho** — A nossa categoria, hoje, está representada por quase 20 mil profissionais no Distrito Federal, distribuídos na Fundação Educacional, nas escolas particulares e nas Universidades. Desses 20 mil, mais de 16 mil são sindicalizados. A abrangência do sindicato é grande, e teria condições de eleger alguém. Mas como fomos maltratados pelo governo durante a nossa campanha salarial, a categoria, em sua última assembleia, que contou com a participação de 8 mil professores, decidiu não votar em qualquer candidato do PFL ou do PMDB. Em cima dessa decisão, a categoria está dividida entre os partidos de oposição: PDT, PT e PCB. Eu percebo que na categoria existe penetração de candidatos desses três partidos. Ela vai ter toda uma influência, inclusive junto à comunidade, porque diariamente milhares de crianças são conduzidas para a escola por milhares de adultos, e os professores têm realizado reuniões com esses pais basicamente com candidatos de oposição. Eu acho que a penetração dos partidos de oposição junto à categoria é enorme devido a estes dois motivos: a forma como o GDF nos tratou e a troca de direção do sindicato recentemente.

**Moisés José** — Utilizando os critérios manuseados pelos sindicatos dos médicos e bancários, o Senalba teria em torno de 30 mil. Poderíamos, portanto, bancar um candidato mas, repito, a categoria é muito heterogênea, existem pessoas de poder aquisitivo muito baixo, que acabam se vendendo por melhores condições.



*O nosso trabalho visa esclarecer os trabalhadores. O problema não é apenas eleger três senadores e um deputado. A questão é mais abrangente, pois o que vai acontecer é a elaboração de novo conjunto de leis que regerá os destinos do nosso País. É algo bem maior*



**José Sampaio**